



OBLOMOV



Ivan Gontcharov
OBLOMOV

Tradução e notas de
António Pescada

Coordenador da colecção
Ricardo Araújo Pereira

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

© 2015, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Обломов*
Originalmente publicado em 1859.

Título: *Obломov*
Autor: Ivan Gontcharov
Tradução e notas: António Pescada
Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2015
1.ª edição de bolso: Maio de 2019
ISBN 978-989-671-491-8
Depósito Legal n.º 455745/19

A tradução e publicação deste livro contou com o apoio financeiro da Federal Agency for Press and Mass Communication, de acordo com o programa federal «Culture of Russia (2012-2018)».



ÍNDICE



9	PRIMEIRA PARTE
197	SEGUNDA PARTE
375	TERCEIRA PARTE
489	QUARTA PARTE
647	NOTA BIOGRÁFICA

PRIMEIRA PARTE

NUM DAQUELES GRANDES PRÉDIOS DA RUA Gorókhovaia, cuja população chegaria para toda uma cidade de província, Iliá Ilitch Oblomov estava deitado na cama, no seu apartamento.

Era um homem de trinta e dois ou trinta e três anos, de estatura mediana, bem-apessoado, de olhos cinzentos-escuros, mas com uma total ausência de qualquer ideia precisa, de qualquer concentração nos traços do rosto. O pensamento voava-lhe pelo rosto como um pássaro livre, esvoaçava nos olhos, pousava nos lábios entreabertos, ocultava-se nas rugas da testa, depois desaparecia por completo e então parava-lhe em todo o rosto a fraca luz uniforme da despreocupação. Essa despreocupação passava do rosto para a postura de todo o corpo, e até para as pregas do roupão.

Por vezes o seu olhar toldava-se com uma expressão que parecia de cansaço ou de tédio; mas nem o cansaço, nem o tédio conseguiam expulsar por um minuto do seu rosto a suavidade, que era a expressão dominante e fundamental não apenas do rosto, mas de toda a alma; e a alma reflectia-se de maneira aberta e clara nos olhos, no sorriso, em cada movimento da cabeça e das mãos. Até um observador superficial, uma pessoa fria, ao olhar de passagem para Oblomov, diria: «Deve ser um bonacheirão, um simplório!» Um homem mais perspicaz e mais simpático que lhe observasse demoradamente o rosto, afastar-se-ia com um sorriso, numa agradável reflexão.

A cor do rosto de Iliá Ilitch não era nem corada, nem morena, nem decididamente pálida, era antes indefinida ou

parecia sê-lo, talvez porque Oblomov tinha uma obesidade imprópria dos seus anos. Talvez devido à falta de movimento ou de ar, ou talvez de ambas as coisas. De um modo geral, o seu corpo, a julgar pela brancura baça do pescoço, das mãos pequenas e sapudas, dos ombros moles, parecia demasiado efeminado para um homem.

Os seus movimentos, mesmo quando estava inquieto, eram também contidos por uma suavidade e por uma indolência não destituída de certa graciosidade. Se da alma lhe afluía ao rosto uma nuvem de preocupação, o seu olhar enevoava-se, surgiam-lhe rugas na testa, e começava o jogo da dúvida, da consternação, do medo; mas era raro essa inquietação assumir a forma de uma ideia determinada, mais raramente ainda se transformava num desígnio. Toda a inquietação se resolvia com um suspiro e esfumava-se na apatia ou na sonolência.

E que bem condizia o vestuário caseiro de Oblomov com as feições do seu rosto e com o corpo efeminado! Vestia um roupão de tecido persa, um autêntico roupão oriental, sem o menor indício de Europa, sem borlas, sem veludo, extremamente amplo, de modo que até Oblomov se podia enrolar nele duas vezes. As mangas, segundo a invariável moda asiática, alargavam-se cada vez mais desde os dedos até ao ombro. O roupão, embora tivesse perdido a sua frescura inicial e em alguns pontos houvesse substituído o seu natural brilho original por outro, adquirido, conservava apesar disso o esplendor do colorido e a solidez do tecido oriental.

Aos olhos de Oblomov, o roupão tinha uma infinidade de qualidades inestimáveis: era suave, maleável; não se sentia no corpo; cedia ao mínimo movimento, como um escravo obediente.

Em casa, Oblomov andava sempre sem gravata e sem colete, porque gostava de largueza e de liberdade. Os seus chinelos eram compridos, macios e largos; quando, sem olhar, descia os pés da cama para o chão, acertava sempre nos chinelos, sem falhar.

Estar deitado não era para Iliá Ilitch uma necessidade, como um doente ou como uma pessoa que quer dormir, nem como se estivesse cansado; nem por deleite, como um preguiçoso: era esse o seu estado normal. Quando estava em casa — e ele estava quase sempre em casa —, ficava sempre deitado, e sempre na mesma sala onde o fomos encontrar, que lhe servia de quarto de dormir, de gabinete e sala de recepção. Tinha mais três salas, mas raramente olhava para lá, salvo talvez de manhã. E nem todos os dias, só enquanto o criado lhe varria o gabinete, o que também não acontecia todos os dias. Nessas salas, os móveis estavam tapados com coberturas e os estores fechados.

A sala onde Iliá Ilitch estava deitado parecia à primeira vista muito bem arranjada. Havia ali uma secretária de acaju, dois sofás revestidos de panos de seda, um bonito biombo bordado com pássaros e frutos inexistentes na natureza. Havia cortinas de seda, tapetes, alguns quadros, bronzes, porcelanas e muitas pequenas coisas bonitas.

Mas o olho experiente de uma pessoa de bom gosto, num olhar rápido por tudo o que ali havia, veria apenas o desejo de manter o *decorum* das indispensáveis decências e ficar-se por aí. É claro que Oblomov só se preocupava com isso quando arrumava o seu gabinete. Um gosto requintado não se contentaria com aquelas cadeiras de acaju pesadas, desgraciosas, com as estantes instáveis. O espaldar de um dos sofás estava descaído, a madeira descolada em alguns lugares.

Esse mesmo carácter tinham-no também os quadros, e os vasos, e os bibelôs.

Porém, o próprio dono da casa olhava a decoração do seu gabinete de modo tão frio e alheado como se perguntasse com os olhos: «Quem foi que carregou e empilhou tudo isto aqui?» Devido a esse olhar frio de Oblomov sobre os seus pertences, e talvez também do olhar ainda mais frio do seu criado, Zakhar, sobre a mesma matéria, no aspecto do gabinete, se examinado com mais atenção, o que mais impressionava era o abandono e o desmazelo que nele reinavam.

Pelas paredes, junto dos quadros, colavam-se como festões teias de aranha cobertas de pó; os espelhos, em vez de reflectirem os objectos, podiam antes servir de tábuas para escrever, no pó, quaisquer notas para memória. Os tapetes estavam cobertos de nódoas. Sobre o sofá havia uma toalha de rosto esquecida; sobre a mesa era rara a manhã em que não havia um prato do jantar do dia anterior com um osso limpo, um saleiro, e migalhas de pão espalhadas.

Se não fosse por aquele prato, se não houvesse um cachimbo acabado de fumar encostado à cama e se o próprio dono da casa não estivesse deitado em cima da cama, poder-se-ia pensar que não vivia ali ninguém — de tal modo estava tudo coberto de pó, desbotado, e em geral desprovido de sinais vivos da presença humana. É verdade que nas prateleiras havia dois ou três livros abertos, um jornal caído, e sobre a secretária um tinteiro e penas para escrever; notava-se que tinham sido abandonadas havia muito; o número do jornal era do ano anterior, e do tinteiro, se tentassem molhar nele uma caneta, apenas fugiria, talvez com um zumbido, alguma mosca assustada.

Contra o costume, Iliá Ilitch acordou muito cedo, às oito horas. Estava muito preocupado com qualquer coisa. Na sua cara alternavam as expressões de tristeza e de enfado. Era visível que o dominava uma luta interior e que a sua mente não o socorria.

O caso é que na véspera Oblomov recebeu da aldeia, do seu *estaroste*, uma carta de conteúdo desagradável. Já se sabe as coisas desagradáveis que o *estaroste* pode escrever: má colheita, atraso nos pagamentos, redução das receitas, etc. Embora no ano anterior e dois anos antes tivesse escrito ao seu amo cartas exactamente como aquela, esta última teve o mesmo efeito intenso de todas as surpresas desagradáveis.

Não era nenhuma brincadeira! Precisar-se-ia de pensar nos meios para tomar algumas medidas. De resto, havia que fazer justiça ao desvelo de Iliá Ilitch com os seus assuntos. Logo à primeira carta desagradável do *estaroste*, recebida alguns anos

antes, começou a elaborar na sua mente um plano de várias alterações e melhorias na administração da sua propriedade.

Segundo esse plano, previa-se introduzir diversas novas medidas económicas, policiais e outras. Mas o plano estava ainda longe de concluído, e as cartas desagradáveis do *estaroste* repetiam-se todos os anos, estimulavam-no à acção, e, por conseguinte, perturbavam-lhe o sossego. Oblomov tinha consciência da necessidade de empreender qualquer coisa decisiva antes da conclusão do plano.

Assim que acordou, fez tenção de se levantar, lavar-se e, depois de tomar chá, pensar muito bem, decidir alguma coisa, escrever e de um modo geral ocupar-se deste assunto como devia ser.

Ficou deitado durante meia hora, atormentado por essa intenção, mas depois considerou que ainda o conseguiria fazer depois do chá, e que podia tomar o chá na cama como habitualmente, tanto mais que nada o impedia de pensar mesmo deitado.

E assim fez. Depois do chá ergueu-se na sua alcova e quase se levantou; olhando para os chinelos, até começou a baixar um pé da cama para eles, mas logo o voltou a recolher.

Bateram as nove e meia, e Iliá Ilitch estremeceu.

— O que estou eu realmente a fazer? — disse em voz alta e com enfado. — Isto é uma vergonha: é tempo de deitar mãos ao trabalho! Se continuo assim, pronto... Zakhar! — gritou.

De uma sala separada do gabinete de Iliá Ilitch apenas por um pequeno corredor, soou a princípio como que o rosido de um cão de guarda, depois o som de uns pés que saltaram de algum lado. Era Zakhar que saltava da tarimba junto ao forno, onde habitualmente passava o seu tempo sentado, mergulhado na modorra.

Entrou na sala um homem de idade, de sobrecasaca cinzenta com um buraco debaixo do braço de onde pendia uma ponta da camisa, colete cinzento com botões de latão; tinha o crânio liso como a palma da mão e umas suíças enormes e

espessas, castanhas e grisalhas, cada uma das quais chegaria para três barbas.

Zakhar não se esforçava por mudar não apenas o aspecto que Deus lhe dera, mas nem sequer as roupas que usava na aldeia. O seu vestuário era feito segundo o modelo que trouxera da sua aldeia. Gostava da sobrecasaca cinzenta, e do colete, também porque via nesse vestuário meio uniforme, uma gloriosa recordação da libré que em tempos usara ao acompanhar os falecidos senhores à igreja ou em visitas; e na sua recordação, a libré era a única representante da dignidade da família dos Oblomov.

Nada mais recordava ao velho a vida próspera e tranquila dos amos nas profundezas do campo. Os velhos amos tinham morrido, os retratos de família ficaram na casa, e certamente jaziam algures no sótão; as histórias sobre a antiga maneira de viver e a importância da família extinguiram-se pouco a pouco, e viviam apenas na memória de uns poucos velhos que ficaram na aldeia. Por isso aquela sobrecasaca cinzenta era tão cara a Zakhar: nela e em alguns outros vestígios que se conservavam no rosto e nos modos do amo, que lhe faziam lembrar os pais dele, e nos seus caprichos, embora resmungasse contra eles para si mesmo e também em voz alta, mas que no entanto intimamente respeitava como manifestação da vontade do amo, do direito do amo, em que via fracos indícios da passada grandeza.

Sem esses caprichos, era como se não sentisse a existência de um amo; sem eles, nada o reconduziria à sua juventude, à aldeia, que tinha deixado havia muito, e às histórias sobre aquela antiga casa, única crónica mantida pelos velhos criados e amas de leite e transmitida de geração em geração.

A casa Oblomov fora em tempos rica e famosa na sua região, mas depois, sabe Deus porquê, começou a empobrecer, a perder a sua importância, e por fim foi-se perdendo imperceptivelmente entre as famílias mais novas da nobreza. Só os criados grisalhos da casa conservavam e transmitiam uns aos outros a memória fiel do passado, valorizando-a como coisa sagrada.

Era por isso que Zakhar gostava tanto da sua sobrecasaca cinzenta. Talvez valorizasse também as suas suíças, porque na sua infância vira muitos velhos criados com esse antigo adorno aristocrático.

Iliá Ilitch, mergulhado nas suas meditações, esteve muito tempo sem reparar em Zakhar. Este encontrava-se de pé à sua frente e em silêncio. Finalmente tossiu.

— O que queres? — perguntou Iliá Ilitch.

— O senhor não me chamou?

— Chamei? Não me lembro porque te chamei! — respondeu, espreguiçando-se. — Volta para o teu quarto, até que eu me lembre.

Zakhar saiu e Iliá Ilitch continuou deitado a pensar na maldita carta.

Passou-se um quarto de hora.

— Bem, já chega de estar deitado! — disse ele. — Tenho de me levantar... Mas deixa-me cá ler mais uma vez com atenção a carta do *estaroste*. E depois levanto-me. — Zakhar!

De novo aquele saltinho e o resmungo, mais alto. Zakhar entrou e Oblomov mergulhou outra vez na sua meditação. Zakhar ficou parado uns dois minutos a olhar o amo um pouco de soslaio, com ar reprovador, e por fim caminhou para a porta.

— Aonde vais? — perguntou de repente Oblomov.

— O senhor não diz nada, para que vou estar aqui parado em vão? — rouquejou Zakhar, por não ter outra voz, perdida, segundo ele, na caça com os cães, quando ia com o velho amo e um vento frio lhe soprou na garganta.

Estava parado no meio da sala, meio voltado, e olhava de soslaio para Oblomov.

— E tu estás com as pernas atrofiadas, não podes ficar um pouco aí de pé? Vês que eu estou preocupado, portanto espera! Não estiveste já deitado que baste? Procura a carta que eu recebi ontem do *estaroste*. Onde é que a meteste?

— Qual carta? Não vi nenhuma carta — disse Zakhar.

— Foste tu que a recebeste do carteiro: uma carta suja!
— Como é que eu hei-de saber onde o senhor a pôs? — disse Zakhar, tacteando papéis e vários objectos que estavam em cima da mesa.

— Tu nunca sabes nada. Vê ali, no cesto dos papéis! Ou não terá caído para trás do sofá? O espaldar ainda não está consertado: por que não chamas o marceneiro e o mandas arranjar? Foste tu que o partiste. Não pensas em nada!

— Não fui eu que parti — respondeu Zakhar. — Partiu-se por si mesmo; não pode durar sempre: alguma vez se há-de partir. Iliá Ilitch não achou necessário demonstrar o contrário.

— Já a achaste, ou quê? — limitou-se a perguntar.

— Há aqui algumas cartas.

— Não são essas.

— Pois não há mais nenhuma — disse Zakhar.

— Bom, está bem, vai-te lá embora! — disse Iliá Ilitch com impaciência. — Eu levanto-me e procuro-a.

Zakhar foi para o seu quarto. Mas assim que apoiou as mãos na tarimba para subir para ela, logo se ouviu o grito apressado: «Zakhar, Zakhar!»

— Ah, meu Deus! — resmungou Zakhar, dirigindo-se outra vez ao gabinete. — Que tormento este! Se ao menos a morte viesse depressa!

— O que deseja? — perguntou, apoiando-se com uma mão na porta do gabinete e, para mostrar o seu desagrado, olhando para Oblomov de tal maneira que só via o amo pelo canto do olho, enquanto este lhe via apenas uma das enormes suíças, de onde dois ou três pássaros poderiam levantar voo a qualquer momento.

— O meu lenço de assoar, depressa! Tu mesmo podias ter pensado nisso: não vê! — observou Oblomov com severidade.

Zakhar não mostrou qualquer descontentamento ou espanto perante esta ordem e esta reprimenda do amo, achando por certo, pela sua parte, que uma e outra coisa eram perfeitamente naturais.

— Quem é que sabe onde está o lenço? — resmungou ele, caminhando em volta pelo quarto e apalpando cada cadeira, embora fosse visível que não havia nada em cima das cadeiras. — O senhor perde tudo! — observou, abrindo a porta para a sala de estar, para ver se o lenço não estaria ali.

— Aonde vais tu? Procura aqui! Desde anteontem que não vou para aí. Mas depressa! — dizia Iliá Ilitch.

— Onde está esse lenço? Não está aqui nenhum lenço! — dizia Zakhar, abrindo os braços e olhando todos os cantos em volta. — Aqui está ele! — rouquejou de repente, zangado — está debaixo de si! Aqui está uma ponta de fora. Está deitado em cima do lenço, e pergunta por ele!

E, sem esperar resposta, Zakhar ia a sair da sala. Oblomov sentiu-se um pouco embaraçado com o seu próprio lapso. Depressa encontrou outro pretexto para acusar Zakhar.

— Que asseio tu manténs em todo o lado: pó, lama, meu Deus! Olha, ali, olha ali os cantos: não fazes nada!

— Ora se eu não faço nada... — disse Zakhar com voz de ofendido. — Eu bem me esforço, não poupo a minha vida! Limpo o pó e varro quase todos os dias...

Apontou para o meio do chão e para a mesa em que Oblomov almoçava.

— Olhe ali, ali — dizia ele, — tudo varrido, arrumado, como para uma boda... Que mais precisa?

— E aquilo o que é? — interrompeu-o Iliá Ilitch, apontando para as paredes e para o tecto. — E isto? E isto? — Indicou uma toalha abandonada desde o dia anterior, e um prato com um bocado de pão deixado em cima da mesa.

— Bem, isto posso arrumar — disse Zakhar com ar condescendente, pegando no prato.

— Só isso! E o pó nas paredes, e as teias de aranha?... — dizia Oblomov, indicando as paredes.

— Na semana santa limpo isso tudo: limpo as imagens e retiro as teias...

— E quando é que limpas o pó aos livros e aos quadros?...

— Os livros e os quadros, antes do Natal: nessa altura, eu e a Aníssia limpamos todas as prateleiras. Agora, quando é que há tempo para limpar? O senhor está sempre em casa.

— Por vezes vou ao teatro e fazer visitas: nessas alturas...

— Fazer limpezas à noite!

Oblomov lançou-lhe um olhar recriminatório, abanou a cabeça e suspirou; Zakhar olhou com indiferença pela janela e também suspirou. O amo parecia pensar: «Bem, meu caro, tu és ainda mais Oblomov do que eu», e Zakhar como que pensava: «Disparate! Tu só sabes dizer palavras difíceis e desgraçadas, e não queres saber do pó nem das teias de aranha».

— Tu compreendes — disse Iliá Ilitch, — que as traças se desenvolvem no pó? Por vezes até vejo percevejos na parede!

— Eu até pulgas tenho! — respondeu Zakhar com indiferença.

— E achas isso bem? Isso é uma porcaria! — observou Oblomov.

Zakhar sorriu com toda a cara, de maneira que o sorriso até lhe abarcou as sobrancelhas e as suíças, que assim se afastaram para os lados, e uma mancha vermelha espalhou-se por toda a sua cara até à testa.

— Que culpa tenho eu de que haja percevejos no mundo? — disse ele com ingénuo surpresa. — Fui eu que os inventei?

— Isso é da sujidade — interrompeu Oblomov. — Que estás tu sempre com disparates?

— Também não inventei a sujidade.

— No teu quarto andam os ratos a correr durante a noite, que eu bem os oiço.

— E também não inventei os ratos. Em toda a parte há muitas dessas criaturas, ratos, gatos, percevejos.

— E porque é que as outras pessoas não têm traças nem percevejos?

O rosto de Zakhar teve uma expressão de desconfiança, ou, melhor dizendo, de calma certeza de que isso não era possível.

— Eu tenho muito de tudo — disse ele, com teimosia. — Não é possível ver todos os percevejos, não se pode entrar nas frestas atrás deles.

Enquanto parecia pensar para si mesmo: «E o que seria dormir sem percevejos?»

— Tu varre, tira a sujidade dos cantos, e já não haverá nada — indicou Oblomov.

— Limpa-se hoje, amanhã junta-se outra vez a sujidade — disse Zakhar.

— Não junta — interrompeu o amo, — não se devia juntar.

— Junta-se, eu sei — afirmou o criado.

— Se se juntar, varres outra vez.

— Como é isso? Varrer todos os cantos todos os dias? — perguntou Zakhar. — Que vida vem a ser essa? Mais valia que Deus me levasse!

— Porque é que os outros têm as casas limpas? — replicou Oblomov. — Vê como eles vivem ali em frente, em casa do afinador: até dá gosto olhar, e só têm uma criada...

— E onde é que os alemães vão buscar a sujidade? — ripostou de repente Zakhar. — Veja como eles vivem! Toda a família passa a semana inteira a roer um osso. A sobrecasaca passa do pai para o filho, e do filho volta outra vez para o pai. A mulher e as filhas usam vestidos curtos: andam sempre a encolher as pernas, como os gansos... Como podem eles acumular sujidade? Eles não têm, como nós, nos armários, montes de roupas usadas acumuladas durante anos, ou um canto cheio de côdeas de pão acumuladas durante o Inverno... Eles não desperdiçam nem uma côdea: fazem tostinhas e comem-nas com cerveja!

Zakhar até cuspiu por entre os dentes ao falar de uma vida tão mesquinha.

— Não tens nada que falar! — replicou Iliá Ilitch. — Trata mas é de limpar.

— Às vezes até limpava, mas o senhor não me deixa — disse Zakhar.

— E ele a dar-lhe com a sua! Ora vejam lá, sou eu que não o deixo limpar.

— Claro que é o senhor; está sempre em casa: como é que vou fazer limpezas na sua presença? Saia por um dia inteiro, e eu limpo.

— Lá inventou mais uma: sair de casa! É melhor voltares para o teu quarto.

— Mas a sério! — insistiu Zakhar. — O senhor podia sair hoje mesmo, e eu com a Aníssia limpávamos tudo. Embora não consigamos, só os dois: é preciso contratar umas mulheres para lavarem.

— Eh! Que fantasias, contratar mulheres! — disse Iliá Ilitch.

Já estava descontente por ter arrastado Zakhar para esta conversa. Esquecia-se sempre de que quando abordava este assunto delicado, não tinha como evitar as preocupações.

Oblomov bem gostaria de ter tudo limpo, mas desejava que de algum modo isso acontecesse por si mesmo, sem ele dar por isso; mas Zakhar armava sempre uma confusão quando lhe exigia que limpasse o pó, lavasse os soalhos, etc. Começava a demonstrar a necessidade de um enorme rebuliço em casa, sabendo muito bem que só de pensar nisso o amo ficava horrorizado.

Zakhar saiu e Oblomov mergulhou nas suas meditações. Alguns minutos depois, bateu mais meia hora.

— O que é isto? — disse Iliá Ilitch quase com horror. — Daqui a pouco são onze horas e eu ainda não me levantei, nem me lavei? Zakhar, Zakhar!

— Ah, meu Deus! Ora esta! — ouviu-se na antessala, e depois o conhecido salto.

— Tenho água pronta para me lavar? — perguntou Oblomov.

— Há muito tempo que está pronta! — respondeu Zakhar.

— Porque é que o senhor não se levanta?

— Porque é que não dizes que está pronta? Já me teria levantado há muito. Vai lá, eu vou já atrás de ti. Tenho de fazer algumas coisas, vou-me sentar a escrever.

Zakhar saiu, mas passado um minuto voltou com um caderno escrito e gorduroso e pedaços de papel.

— Aqui está, se o senhor vai escrever, queira a propósito verificar as contas: é preciso pagá-las.

— Quais contas? O que é preciso pagar? — perguntou Iliá Ilitch com desagrado.

— Do talho, do vendedor de hortaliças, da lavadeira, do padeiro: todos pedem o dinheiro.

— Só pensam em dinheiro! — resmungou Iliá Ilitch. — E tu porque é que não me dás as contas aos poucos, porquê todas de uma vez?

— Porque o senhor me mandava sempre embora: amanhã, amanhã...

— Bem, e agora não pode ficar para amanhã?

— Não! Eles não param de importunar: não dão mais crédito. Hoje é dia um.

— Ah! — disse Oblomov, aborrecido. — Uma nova preocupação! Bem, por que estás aí parado? Põe em cima da mesa. Vou-me já levantar, lavo-me e depois vejo — disse Iliá Ilitch. — A água está em pronta?

— Está pronta! — disse Zakhar.

— Bem, agora...

Gemendo, começou a erguer-se na cama para se levantar.

— Esqueci-me de lhe dizer — começou Zakhar — que há pouco, quando o senhor ainda estava a dormir, o administrador mandou cá o porteiro: diz que nos devemos mudar sem falta... precisam do apartamento.

— Mas porquê? Se precisam, então, naturalmente, mudamo-nos. Porque é que me estás a importunar? Já é a terceira vez que me falas disso.

— Também me importunam a mim.

— Diz que nos vamos mudar.

— Eles dizem: há já um mês que prometeram, e continuam sem se mudar; vamos informar a polícia, dizem eles.

— Que informem! — disse Oblomov resolutamente. — Mudamo-nos assim que o tempo esteja mais quente, dentro de três semanas.

— Qual dentro de três semanas! O administrador diz que dentro de duas semanas vêm para aqui os operários: vão quebrar tudo... «Mudem-se — diz ele — amanhã ou depois de amanhã...»

— E-e-eh! Está com demasiada pressa! Ainda mais essa! Quer que me mude assim de repente? E tu não te atrevas a lembrar-me do apartamento. Já te proibi uma vez; e voltas ao mesmo. Vê lá!

— O que é que eu posso fazer? — disse Zakhar.

— O que podes fazer? É assim que ele se descarta de mim! — respondeu Iliá Ilitch. — Pergunta-me a mim! O que tenho eu com isso? Tu não me incomodes, resolve lá isso como queiras, mas de maneira que não nos mudemos. Não pode fazer um esforço pelo seu amo!

— Mas como é que eu posso resolver, paizinho Iliá Ilitch? — começou Zakhar rouquejando suavemente. — A casa não é minha: como é que não nos mudamos de uma casa alheia se nos despejam? Se a casa fosse minha, com muita satisfação...

— Não podes convencê-los de algum modo? «Vivemos aqui há muito, diz-lhes, pagamos com assiduidade».

— Já lhes disse — respondeu Zakhar.

— E então, o que disseram eles?

— O que disseram! Teimaram na sua: «Mudem-se — disseram, — nós precisamos do apartamento». Querem fazer com este apartamento e com o do doutor um apartamento muito grande, para o casamento do filho do senhorio.

— Ah, meu Deus! — disse Oblomov com enfado. — Ainda há burros que se casam!

Voltou-se de costas.

— O senhor devia escrever uma carta ao proprietário — disse Zakhar. — Talvez assim ele não o incomodasse, e começasse por transformar aquele apartamento.

Ao dizer isto, Zakhar apontou com a mão algures para a direita.

— Bom, está bem, quando me levantar, escrevo-lhe... Vai para o teu quarto, eu vou pensar. Não és capaz de fazer nada — acrescentou. — Eu é que tenho de me ocupar até dessa porcaria.

Zakhar saiu, e Oblomov ficou a pensar.

Mas não conseguia decidir-se sobre aquilo em que havia de pensar: na carta do *estaroste*, na mudança para um novo apartamento, ou devia conferir as contas? Estava perdido numa maré de preocupações do dia-a-dia e continuava deitado, virando-se para um lado e para o outro.

De vez em quando apenas se ouviam exclamações entrecortadas: «Ah, meu Deus! A vida agride-nos, puxa-nos de todos os lados».

Não se sabe durante quanto tempo ele ficaria ainda naquela indecisão, mas soou a campainha na porta da frente.

— Já chegou alguém! — disse Oblomov, envolvendo-se num roupão. — E eu ainda não me levantei. Uma vergonha! Quem será, tão cedo?

E, ainda deitado, olhava para a porta com curiosidade.

NOTA BIOGRÁFICA

IVAN ALEXANDROVICH GONTCHAROV nasceu a 6 de Junho de 1812 em Simbirsk (actual Ulianovsk) e morreu a 15 de Setembro de 1891 em São Petersburgo. Filho de uma família de mercadores recém-nobilitados, entrou para a Universidade de Moscovo em 1831, graduando-se em 1834.

Em 1835, torna-se funcionário do Ministério das Finanças e em 1856 entra para os Serviços de Censura. Entre 1852 e 1855, participa numa expedição científica e naval ao Japão como secretário do almirante, regressa a São Petersburgo por terra, atravessando a Sibéria. Desta viagem resultará o livro *A Fragata Pallada* (1858).

Historicamente, vive num momento em que a intelectualidade russa começa a usar as suas obras no debate sobre o futuro colectivo do país. Publica os seus primeiros textos literários em 1836 e o seu primeiro romance, *Uma História Comum*, em 1847. Publicou ainda *Oblomov* (1859) e *O Precipício* (1869), para além de artigos de crítica e de memórias para jornais. À época, a crítica literária considerou-o o sucessor de Gogol. Antes de morrer, queimou vários manuscritos inéditos.



OBLOMOV

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na
Guide, Artes Gráficas, sobre
papel CoralBook de 80 g,
em Maio de 2019.